

Orquestra Neojiba

Ricardo Castro
Maria João Pires



22 set 22

22 set 22 QUINTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Neojiba

Ricardo Castro *Maestro*

Maria João Pires *Piano*

Carlos Gomes

Abertura da ópera *O Guarani*

c. 10 min.

Ludwig van Beethoven

Concerto para Piano e Orquestra n.º 3,
em Dó menor, op. 37

c. 35 min.

INTERVALO

Jamberê Cerqueira

KAMARÁMUSIK

para berimbau, percussão e orquestra

Solista **Raysson Lima**

Estreia em Portugal

c. 13 min.

Heitor Villa-Lobos

Bachianas Brasileiras n.º 4

c. 24 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 min.

INTERVALO: 20 min.

Carlos Gomes

(1836-1896)

Abertura da ópera *O Guarani*

COMPOSIÇÃO 1870

ESTREIA Milão, 19 de março de 1870

O drama e o romance históricos marcaram a ópera do século XIX. O passado alimentou o imaginário de libretistas e compositores, transformando a forma desses espetáculos serem encenados. *O Guarani* é um excelente exemplo dessas tendências, apresentando temática histórica situada no que seria um ambiente exótico. Assim, liga o historicismo romântico a paragens sul-americanas. Inspirada no romance de José de Alencar e com libreto italiano de Antonio Scalvini e Carlo D'Ormeville, *O Guarani* apresenta uma história de amor entre um príncipe *guarani* e a filha de um nobre português no Brasil do século XVI. Estreada no Scala de Milão, a 19 de março de 1870, tornou-se uma referência do repertório operático. Na altura, Carlos Gomes tinha obtido uma bolsa para estudar em Itália. A partir de 1864, o compositor fixou-se em Milão, onde estudou com Lauro Rossi. Assim, o estilo italiano, de grande inspiração verdiana, foi metabolizado por Carlos Gomes. A abertura de *O Guarani* apresenta, de forma rapsódica, temas que serão usados na ópera. O fascínio romântico pelo Outro permeia a abertura, iniciada de forma solene e vertical.

A instrumentação brilhante reforça as ressonâncias religiosas de uma passagem que representa um culto ameríndio. A abertura apresenta passagens líricas e delicadas, protagonizadas por solos de instrumentos de sopro, que substituem as vozes. Melodias sinuosas são interpretadas pelas cordas, aproximando-se do *legato* característico da vocalidade da ópera italiana. Esses momentos são interpolados por episódios mais instáveis e tumultuosos, entrecortados por pausas dramáticas. Os *crescendi* alimentam momentos trágicos, em que sobressai a paleta tímbrica da orquestra. A instabilidade e o movimento, marcados pela percussão, introduzem contraste entre atmosferas. O recurso a materiais heterogêneos define a obra e captura a atenção do ouvinte para a narrativa. Assim, a abertura apresenta uma panóplia das convenções operáticas da época, sintetizando texturas características do género. O recurso a uma orquestração marcadamente italiana, com grande influência do movimento filarmónico da época, sublinha o carácter dramático da abertura, que termina recuperando a atmosfera solene do início.

Ludwig van Beethoven

(1770–1827)

Concerto para Piano e Orquestra n.º 3, em Dó menor, op. 37

COMPOSIÇÃO 1803

ESTREIA Viena, 5 de abril de 1803

1. *Allegro con brio*

2. *Largo*

3. *Rondo: Allegro – Presto*

Depois da composição dos Concertos para Piano n.º 1, op. 15 e n.º 2, op. 19, assiste-se, com o surgimento do Concerto n.º 3, em Dó menor, op. 37, a uma modificação de fundo na conceção musical beethoveniana, que se traduz na procura de um maior equilíbrio entre o solista e a orquestra, bem como no alargamento do horizonte temporal e sonoro do género. Ao nível da escrita musical propriamente dita, o Concerto n.º 3 testemunha ainda a presença de inúmeros elementos classicistas, reminiscentes, em particular, da música de Mozart. O Concerto n.º 3 conheceu os primeiros esboços em 1800, tendo sido concluído definitivamente dois anos depois. A obra foi estreada no Theater an der Wien, a 15 de abril de 1803, juntamente com a Sinfonia n.º 2, e a oratória *Cristo no Monte das Oliveiras*, sob a direção do compositor. A publicação sobreveio em novembro de 1804, com uma dedicatória dirigida ao Príncipe Louis-Ferdinand da Prússia.

Uma forma-sonata estrutura o primeiro andamento, *Allegro con brio*. Os complexos temáticos são aqui apresentados pela orquestra e depois repetidos pelo piano. Na tonalidade de Dó menor, é exposto

o primeiro tema de âmbito alargado e carácter quase marcial, próximo do da *Sinfonia Heroica*, cujos esboços são da mesma altura. Um segundo tema *cantabile*, em Mi bemol maior, responde ao primeiro e serve de ponto de partida para um diálogo concertante entre o solista e a orquestra. O discurso do piano na secção de desenvolvimento é substancialmente mais elaborado do que nos dois primeiros concertos e caracteriza-se por numerosas modulações a tonalidades distantes. Após a recapitulação, tem lugar a coda, baseada no tema introdutório. Uma estrutura formal tripartida caracteriza o *Largo* seguinte, na tonalidade de Mi maior. O piano domina toda a textura, protagonizando o essencial dos enunciados temáticos. A secção central constitui uma exceção: o instrumento solista desempenha aqui a função de acompanhamento dos sopros. O *Rondo* final, marcado por um refrão de contornos sincopados, estabelece um diálogo enérgico entre o piano e a orquestra, que evolui através de uma série de secções contrastantes. A tonalidade paralela de Dó maior vem conferir uma atmosfera fulgurante ao encerramento da obra.

Jamberê Cerqueira

(n. 1987)

KAMARÁMUSIK

COMPOSIÇÃO 2022

ESTREIA Salvador-Bahia, 7 de setembro de 2022

Bacharel em Composição pela Universidade Federal da Bahia (2010), Jamberê Cerqueira é instrutor do programa Neojiba (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia), onde é membro desde a sua fundação (2007), além de compositor, arranjador e professor de tuba e bombardino. Ingressou em 2013 no Mestrado Profissional em Educação Musical pela Universidade Federal da Bahia. Participou no Festival Internacional de Música TOQUEMUS 2014, na cidade de Tocancipá, na Colômbia, como professor convidado, e realizou diversos workshops pedagógicos na Bahia através do programa Neojiba. Como tubista, atuou em vários países da América do Sul, da Europa e nos EUA. Como compositor e arranjador, teve diversas obras interpretadas pela Orquestra Sinfônica Juvenil da Bahia e foi responsável por diversos arranjos orquestrais para nomes da música popular brasileira como Daniela Mercury, Márcia

Short, Carlinhos Brown, Margareth Menezes, Livia Mattos, Gerônimo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Baby do Brasil, Saulo Fernandes, Arnaldo Antunes e Francis Hime. Participou como tubista em diversas formações de música instrumental como a Orquestra Afro-Sinfônica e a Orkestra Rumpilezz.

A peça *KAMARÁMUSIK* inspira-se nos ritmos e canções afro-brasileiros da música de Capoeira, bem como na história dos mestres como Bimba e Pastinha e em grandes artistas como Naná Vasconcelos, Ramiro Musotto e Gregory Beyer. O título em si próprio é uma amálgama derivada da expressão alemã “Kammermusik” (música de câmara) e a palavra popular “camará”, presente na cultura Capoeira e que significa companheiro, colega ou camarada. A ladainha entoada pelo solista conta a história da Capoeira e, ao mesmo tempo, descreve a trajetória de Raysson Lima na Neojiba.

Heitor Villa-Lobos

(1887-1959)

Bachianas Brasileiras n.º 4

COMPOSIÇÃO 1930-1939 (pn) / 1941 (orq)

ESTREIA (orq): Rio de Janeiro, 15 de julho de 1942

1. Prelúdio (Introdução)
2. Coral (Canto do Sertão)
3. Ária (Cantiga)
4. Dança (Miudinho)

As consequências da Primeira Guerra Mundial transformaram o Modernismo. A crescente dominância dos Estados Unidos da América e das suas músicas refletiu-se profundamente nas décadas seguintes. Paralelamente, a música do passado inspirou os criadores. Assim, Villa-Lobos escreveu as *Bachianas Brasileiras*, peças inspiradas pelas *suites* barrocas. Em andamentos contrastantes, retratam o hibridismo da abordagem do compositor, que inscreve elementos da música popular brasileira nas suas obras. Num esforço de criar uma música nacional, Villa-Lobos deu primazia às expressões que se encontravam ligadas à imigração europeia. A *Bachianas Brasileiras* n.º 4 foi escrita entre 1930 e 1939. Nessa altura, o Modernismo disseminava-se pelo Brasil, com uma grande contribuição de artistas ligados a São Paulo. Paralelamente, o país vivia um período particular: o início da Era Vargas. Com a deposição da Primeira República, a instalação de um Governo Provisório liderado por Getúlio Vargas marcou a vida brasileira. Em 1934 foi

aprovada uma nova constituição, que vigorou até 1937.

Partes da *Bachianas Brasileiras* n.º 4 foram concebidas para piano e orquestradas posteriormente. O *Prelúdio* remete para a música de Bach, baseando-se numa melodia *cantabile*. As sequências melódicas e uma melodia ondulante, interpretada pelo violino, mostram o hibridismo estilístico e cronológico que atravessa a obra. O segundo andamento emula uma canção popular nordestina. A sua melodia é apresentada sobre acompanhamento regular. Esse bucolismo estático encontra-se próximo da atmosfera religiosa do coral luterano. O andamento seguinte contém alusões a melodias tradicionais do Nordeste, então recolhidas e estudadas por Mário de Andrade. A orquestração colorida enfatiza o caráter popular do andamento, que conduz a uma dança final. O *Miudinho* é a estilização popular de danças de corte do início do século XIX. Aqui, a atmosfera coreográfica mistura-se com a sobreposição de dissonâncias e *ostinati*, criando um ambiente sonoro caótico e energético.

NOTAS DE JOÃO SILVA, RUI CABRAL (BEETHOVEN)
E JAMBERÉ CERQUEIRA (KAMARÁMUSIK)

Ricardo Castro

Em 2013, Ricardo Castro foi o primeiro brasileiro a receber o *Honorary Membership* da Royal Philharmonic Society, figurando ao lado de ilustres personalidades da história da música ocidental. Nasceu em Vitória da Conquista, em 1964. Começou a tocar piano aos três anos de idade e aos cinco ingressou na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, onde estudou com Esther Cardoso até os 18 anos. A partir de 1984, estudou piano com Maria Tipo e direção de orquestra com Arpad Gerecz no Conservatório Superior de Música de Genebra. Diplomou-se em 1987 com o *Premier Prix de Virtuosité avec Distinction et Felicitacions du Jury*. Nesse mesmo ano, venceu *ex aequo* o Concurso Internacional da ARD de Munique. Completou os estudos de piano em Paris, com Dominique Merlet. Em 1993 venceu o Concurso Internacional de Piano de Leeds, em Inglaterra, tornando-se no primeiro vencedor latino-americano do concurso. Desde então, apresentou-se nas mais importantes salas de concertos da Europa, sendo acompanhado por grandes orquestras mundiais. Em 2003 iniciou uma colaboração com a pianista Maria João Pires e em 2005 a DG lançou um CD do duo, *Résonance de l'Originnaire*, com obras de Franz Schubert a solo e a quatro mãos. Gravou outros álbuns para a BMG-Arte Nova, sempre com excelentes comentários da crítica especializada. Desde 1992, Ricardo Castro leciona na Haute École de Musique de Lausanne, na Suíça. Em 2018 assumiu o *Corsi di Perfezionamento* de piano na Fundação Escola de Música de Fiesole. Desde 2020, integra o corpo docente da Haute École de

Musique de Genève, assumindo a cátedra de piano, fundada em 1835 por Franz Liszt. Em 2007, a convite do Governo do Estado da Bahia, criou o programa Neojiba (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia), pioneiro no Brasil e inspirado no El Sistema da Venezuela.

Maria João Pires

Maria João Pires nasceu em Lisboa em 1944. Tocou pela primeira vez em público aos quatro anos de idade e aos cinco deu o seu primeiro recital. Foi aluna de piano de Campos Coelho, tendo estudado também com Francine Benoît. Prosseguiu a sua formação musical na Alemanha, com Rosl Schmid e Karl Engel. Como solista de concerto e em recital, tornou-se na mais célebre pianista portuguesa de sempre e uma das artistas mais destacadas internacionalmente. A sua carreira passou pelos principais palcos mundiais, tendo colaborado com maestros de renome internacional e com as mais prestigiadas orquestras. Destaque também para as suas inspiradas e muito aplaudidas gravações. Desde a década de 1970, Maria João Pires tem-se também dedicado a refletir sobre a influência da arte na vida, nas comunidades e na educação. O seu objetivo é o de encontrar novas formas de afirmação desta linha de pensamento na sociedade, respeitando o desenvolvimento dos indivíduos e das culturas e encorajando a partilha de ideias. Em 1999 criou o Centro de Artes de Belgais, para o estudo das artes em Portugal, lugar onde organiza regularmente *workshops* interdisciplinares para músicos profissionais e amadores, além de concertos e gravações.

Proximamente, estes poderão ser partilhados com a comunidade digital internacional. Em 2012, na Bélgica, Maria João Pires iniciou dois projetos complementares: os *Partitura Choirs*, um projeto de coros infantis destinado a crianças oriundas de ambientes socialmente desfavorecidos como o *Hesperos Choir* e os *Partitura Workshops*. Todos os projetos *Partitura* têm como objetivo criar uma dinâmica altruísta entre artistas de diferentes gerações, propondo uma alternativa a uma realidade demasiado focada na competitividade, uma filosofia que tem vindo a ser divulgada internacionalmente.

Raysson Lima

Raysson Lima é um percussionista e capoeirista baiano, nascido em Salvador, na Bahia. O berimbau foi o primeiro instrumento que tocou, ainda criança, por influência do pai, o também artista e capoeirista Tonho Matéria. Aos três anos começou a acompanhar os ensaios do Olodum, grupo de percussão afro-baiano que levou o samba-reggae ao mundo. Raysson apresentou-se com a banda no Brasil e acompanhou o pai em espetáculos e cursos no exterior, em países como a Argentina, os EUA e Singapura. Aos nove anos passou a fazer parte do Neojiba. Desde 2017 integra a Orquestra 2 de Julho, principal formação orquestral do programa. Em 2018 participou na sétima digressão internacional da orquestra, quando se apresentou nos principais palcos da Suíça, de Itália e de França, ao lado da pianista argentina Martha Argerich. Para além do universo da música clássica, Raysson mantém

uma carreira como músico popular e já tocou com grandes nomes da música brasileira como Gilberto Gil, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes.

Orquestra Neojiba

A Orquestra Juvenil da Bahia é a principal formação do Neojiba (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia), um programa do Governo do Estado da Bahia que em 2022 festeja os seus quinze anos. O seu diretor artístico e maestro titular é o músico baiano Ricardo Castro. Composta por quase cem jovens, dos 13 aos 27 anos, foi criada em 2007, tendo como característica a atuação pedagógica dos seus integrantes, envolvidos direta ou indiretamente na formação musical de mais de seis mil crianças e adolescentes no estado da Bahia. No cenário nacional e internacional, já realizou mais de 300 apresentações para um público de 485 mil pessoas. Em 2010 tornou-se a primeira orquestra juvenil brasileira a apresentar-se na Europa e, desde então, realizou sete digressões internacionais na Europa e nos EUA. Orquestra residente do *Septembre Musical de Montreux*, na Suíça em 2014 e 2016, a orquestra tocou na Philharmonie de Paris, na Academia de Santa Cecília de Roma, na Konzerthaus Berlin, no Victoria Hall de Genebra e no Royal Festival Hall de Londres, entre outros palcos. Artistas como Martha Argerich, Jean-Yves Thibaudet, Midori, Maxim Vengerov, Maria João Pires, Lang Lang, Shlomo Mintz, Katia e Marielle Labèque e David Grimal são alguns dos nomes que colaboraram com a orquestra como solistas.

Orquestra Neojiba

PRIMEIROS VIOLINOS

Eliel Santana CONCERTINO
Isabela Rangel CONCERTINO
Breno Albuquerque
Bruna Dantas
Enzo Albuquerque
Ezequiel Oliveira
Fernando Batista
Júlia Klaudat
Lucas Santa Clara
Maria Fernanda Lago
Max Maciel
Vangelis Otran

SEGUNDOS VIOLINOS

Franca Marcano Ledezma LÍDER
Bruna Beatriz Carvalho
Chiara Filippini
Emily Bisants
Gabriela Dalcom
George Lavigne
Isaac Bisants
João Azevedo
João Vitor Almeida
Laís Alencar
Marcos Afro
Marielle Palma Meireles
Nayama Oliveira

VIOLAS

Israel Rei Almeida LÍDER
Caio Mata
Eduarda Dalcom
Felipe da Silva
Felipe Magalhães
Geisa Santos
Gerusa França
Israel Oliveira
Jakiian Grinberg
José Ícaro
Stênio Rodrigues

PATROCINADOR
DA ORQUESTRA NEOJIBA

PRIO

VIOLONCELOS

Caio Soares de Brito LÍDER
Alex Souza
Frank Junior
Guilherme Paixão
Ingride Nascimento
Janice Brandão
Luan Santa Clara
Luis Filipe Nobre
Pillar Gisele
Samuel Galdino

CONTRABAIXOS

Talita Felício LÍDER
Ana Júlia Couto
Bella Loram
Breno Gama
Bruna Cavalcante
Esdras Salatiel
Gabriel Sol
Ícaro Freitas
Luara Angel
Michele Dantas
Ulisses Fernando

FLAUTAS E PICCOLO

Lucas Caetano Fonseca LÍDER
Adrián Gómez
Adriel Auri
Lázaro Fernandes
Maria Laura Marcano

OBOÉS E CORNE INGLÊS

Leonardo Sans LÍDER
Caio Oliveira
Lucas Teófilo
Mariana Herwans
Paola Giovanna Rodrigues

CLARINETES

Luiz Pedro Conrado LÍDER
João Gabriel Braga
Renan Pinto
Wesley Almeida
Zenóbio Israel

FAGOTES

E CONTRAFAGOTES
Carlos Hurtado Flores LÍDER
Elias Novais
Guilherme Lirio
Luis Felipe Santana
Viviam Meira

TROMPAS

Davi Calmon LÍDER
Arthur Azevedo
Carlos Vitor
Durvalino Cruz
Rafael Xavier
Stella Luna

TROMPETES

Alana Rana LÍDER
Iuri Pinheiro dos Santos
Jhonata Santana
Raphael Elias
William Silva

TROMBONES

Douglas Servulo LÍDER
Felipe Marinho
Harnefer Oliveira
Thauan Santana

TUBA

Matheus Bacelar LÍDER

PERCUSSÃO

Zack Nascimento LÍDER
Amanda Rodovalho
Devison Santana
Edwã Victor
Italuã Schneiberg de Sá
Natasha
Raysson Lima
Yan Tauan

HARPA

Talita Santana

26 set 22

SEGUNDA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Solistas da Orquestra Gulbenkian

Beethoven, Chostakovitch

Entrada gratuita

28 set 22

QUARTA 20:00 — PANTEÃO NACIONAL

Diálogos Improváveis no Panteão

Coro Gulbenkian

Jorge Matta Direção

Pedro Ribeiro Oboé

Melgás, Praetorius, Berg, Vulpus, Mendelssohn, Britten, Takemitsu, Arvo Pärt e Rheinberger



CORO GULBENKIAN NO PANTEÃO NACIONAL
© JORGE CARMONA

04 out 22

TERÇA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

Graindelavoix Josquin the Undead

Josquin des Prez, N. Gombert,
J. L. Brun e H. Vinders



GRAINDELAVOIX © DR

06 out 22

QUINTA 20:00 — GRANDE AUDITÓRIO

07 out 22

SEXTA 19:00 — GRANDE AUDITÓRIO

A Canção da Terra

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Kirill Gerstein Piano

Christa Mayer Meio-Soprano*

Mihails Čulpaļevs Tenor

Adès, Mahler

* Por motivo de força maior, Christina Mayer substituiu Elena Pankratova

MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN
PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA
PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



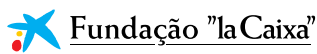
MECENAS
CICLO DE PIANO



MECENAS
ORQUESTRA GULBENKIAN



A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo.

A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa é impresso em papéis reciclados e certificados pela Fedrigoni.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica Maiadouro, S. A

600 Exemplares

PREÇO: 2 €

Lisboa,
Setembro 2022

